

Uma página, uma possibilidade

Local, página 5, jornal A Tarde em 13 de novembro de 2001: mendicância prolifera nas ruas de Salvador. Abaixo da manchete há uma fotografia de uma mendiga deitada sobre um banco de praça, tendo ao fundo pessoas sentadas em outros bancos.

Na mesma página, outra manchete: Bahia, um dos estados mais atrasados em saúde mental. Mais uma foto: um auditório lotado e uma mesa de palestrantes. Trata-se da III Conferência de Saúde Mental do Estado da Bahia.

Numa terceira matéria “Manifestantes criticam a morosidade dos bancos”. Na fotografia, em primeiro plano, há uma faixa onde se lê: banqueiro lucra com o desemprego e o mau atendimento. Ao fundo reconhece-se as habituais filas dos estabelecimentos bancários.

É uma página, não a policial, que fala de uma cidade de desrespeitados. E já é quase verão: tempo em que a agenda midiática enfatiza brilhos e festas da terra do axé. É um exemplo de que a mídia não é um universo homogêneo. O mesmo jornal que coloca um crime como incidente publica matérias, em plena estação da alegria, que alertam para problemas sociais graves.

Há uma ambigüidade midiática que precisa ser compreendida por um leitor ativo. É necessário aumentar as exigências e pensar, mesmo que fantasiosamente, num código de defesa do consumidor do produto midiático capaz de pressionar a mídia para que a mesma venha a desempenhar, mais rotineiramente, a sua responsabilidade social. É bom lembrar que nem sempre é Tarde; as vezes, por uma letra minúscula, fica tarde demais.